Enclaves de Qualidade em Universidades de Massa?
O Programa Especial de Treinamento (PET) da CAPES

Fernando Spagnolo*
Cláudio de Moura Castro**
Walter Paulo Filho***

Resumo

O ensino superior brasileiro progressivamente se massifica. Diante desta tendência, é lícito perguntar onde serão forjadas nossas elites intelectuais. Uma possível solução seria criar enclaves de qualidade dentro destas instituições massificadas, como faz o Programa Especial de Treinamento (PET) da CAPES. PET seleciona os melhores alunos dentro de instituições existentes, criando pequenos grupos onde se obtêm níveis de realizações acadêmicas muito superiores à média da instituição como um todo.

O PET inspira-se diretamente em um experimento realizado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, a partir dos anos cinqüenta. O presente ensaio historia a criação do programa de bolsas da UFMG, e a evolução do PET. Apesar da ausência de avaliações sistemáticas, a observação de primeira mão do programa sugere que seus graduados apresentam um desempenho amplamente superior ao dos seus colegas não-bolsistas. Há também sugestão de que a presença de um programa PET tem conseqüências positivas sobre o nível de ensino da instituição. O trabalho conclui com uma discussão do futuro do programa bem como dos temas mais candentes na sua operação.

***Fernando Spagnolo**
Coord. de Estudos e Divulgação Científica da CAPES e Prof. da Un. Católica de Brasília;
****Cláudio de Moura Castro**
Diretor de Programas Sociais do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Washington DC e Ex-Diretor Geral da CAPES;
***** Walter Paulo Filho**
Prof. da FOPLAC e mestrando da UCB

1. Introdução

O processo de massificação do ensino superior brasileiro não apresenta sinais de cansaço. As poucas instituições academicamente elitizadas vão se inchando com mais cursos e mais alunos. Pela heterogeneidade crescente de seus alunos e professores, são forçadas a operar em torno de um denominador comum empobrecido. Diante deste dilema, é lícito perguntar onde serão forjadas nossas elites intelectuais.

Não é razoável supor que haverá um encolhimento destas instituições voltando algumas a ser o que eram: pequenos núcleos perse-

(*) Filiação Institucional: Coordenador de Estudos e Divulgação Científica da CAPES.
(**) Filiação Institucional: Diretor de Programas Sociais do Banco Interamericano de Desenvolvimento.
(***) Filiação Institucional: Professor da FOPLAC.

guindo furiosamente a qualidade acadêmica. Portanto, diante da tarefa de oferecer a melhor educação possível, ainda que seja para poucos, é preciso pensar em formas de criar enclaves de qualidade dentro destas instituições massificadas. Talvez o experimento mais promissor seja o Programa Especial de Treinamento (PET) mantido pela CAPES. Ao selecionar os melhores alunos dentro das instituições e oferecer para eles condições excepcionais para desenvolver o seu potencial acadêmico, esta fórmula permite manter o funcionamento do nosso ensino superior e, ao mesmo tempo, criar pequenos grupos onde se praticam níveis de realizações acadêmicas muito superiores à média da instituição como um todo.

O PET inspira-se diretamente em um experimento realizado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais, a partir dos anos cinqüenta. A linha da inspiração é mais do que direta pois um dos autores que veio a ser diretor da CAPES no momento da criação do PET participou deste experimento durante toda a sua permanência naquela instituição.

O presente ensaio-artigo historia a criação do programa de bolsas da UFMG, mostra a implantação e evolução do PET, relata um exercício de avaliação do seu impacto em cursos da Região Centro-Oeste, e conclui com uma discussão do futuro de programa.

2. A Arte de Aproveitar Boas Idéias

"Cumpria que a Faculdade passasse a diplomar elementos mais capacitados, para serem utilizados pela própria escola, nas atividades didáticas e técnico-científicas, e ainda para atender às necessidades do mercado profissional. Daí a idéia do regime de tempo integral de estudo para alunos, mediante o sistema de bolsas de estudo. O regime desde muito vigorava nas universidades estrangeiras, mas era pouco conhecido no Brasil" (Pinto, p.38).

Assim Yvon Leite de Magalhães Pinto relata o surgimento do Sistema de Bolsas de Estudo da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, que, por sua vez, inspirou a criação do Programa Especial de Treinamento (PET) da CAPES.

É bem conhecida a tradição secular dos *colleges* ingleses, notadamente de Oxford e Cambridge, de colocar tutores ao lado dos estudantes para estimulá-los e acompanhá-los por meio de atividades complementares às aulas dos cursos acadêmicos. Conhecida é também a experiência americana dos Honours Programs - treinamentos avançados e com níveis altos de exigência, aplicados a um número reduzido de alunos que revelassem aptidões e qualificações excepcionais.

No Brasil, entretanto, como na maioria dos países, a opção era por uma universidade de massa e não, como diz *Kourganoff (1990)*, uma universidade malthusiana, voltada exclusivamente para a formação de uma elite de espírito. Diferentemente de Oxford e Cambridge, nossos docentes não seriam preceptores de jovens aristocratas, mas teriam que lidar com jovens mal lapidados. Nessas circunstâncias, só restaria um caminho a ser trilhado para um ensino produtivo, de qualidade: possibilitar que pelo menos alguns professores e alunos trabalhassem juntos por mais tempo e em melhores condições materiais, em meio a uma multidão de alunos.

Em 1956, com a CAPES e o CNPq dando seus primeiros passos, a idéia de bolsas de estudo era novidade entre as instituições de ensino nacionais. O professor Yvon Leite resolveu apostar no tempo integral e na bolsa de estudo para os alunos da Faculdade da qual era Diretor, mesmo enfrentando a oposição de alguns professores, que acreditavam que "já sendo gratuito o ensino superior federal, seria absurdo ainda se fosse pagar ao aluno para estudar" *(Ibidem, p.38)*.

A visão que Yvon Leite tinha do problema, não era diferente da visão daqueles que contribuiram para a implantação da CAPES, entre os quais destaca-se Anísio Teixeira. Almir de Castro, que foi Diretor Executivo da CAPES de 1954 a 1964, indica a precária situação em

que se encontrava o ensino superior como uma das preocupações que levaram a criar a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior:

"O programa imediato visava a melhoria, a médio prazo, do corpo docente universitário - à época do ***boom*** *do ensino superior, necessariamente deficiente. Esclareça-se: a rápida expansão da rede universitária traria inevitavelmente uma baixa geral de qualidade do ensino [...] baixaria sensivelmente a média geral, num universo no qual se incorporavam dezenas e dezenas de unidades claramente improvisadas, inclusive e, notadamente, no tocante à qualificação dos novos professores" (Castro A., 1986, p.8).*

De acordo com o mesmo autor, a CAPES de Anísio Teixeira não se propunha nenhum plano mirífico, padronizador e abrangente visando o aprimoramento global da rede universitária existente, mas apenas estimular uma série de iniciativas, quase sempre de relativamente baixo custo, destinadas à elevação do nível de desempenho do sistema.

Além da idéia do tempo integral através da bolsa, a iniciativa da Faculdade mineira e o projeto original da CAPES têm outro importante ponto em comum: apoiar e incentivar a excelência.

Escreve Yvon Leite: *"Previ, para o lançamento do regime (de tempo integral), o recrutamento dos alunos mais credenciados pela inteligência e pela cultura, mediante cuidadosa seleção procedida por comissão de professores" (p.38).*

No contraponto, Almir de Castro mostra igual paixão pela qualidade:

"...as atividades da CAPES não eram um trabalho de 'massa', nem na aplicação nem na metodologia, cada projeto merecendo um tratamento específico, consideradas as pessoas e entidades envolvidas, cada locus de origem e destino de um bolsista". (1986, p.9).

Num ponto, porém, o Professor Yvon seguiu um caminho original. Apesar de se tratar de uma instituição pública, foi buscar, desde o início, financiamento na iniciativa privada, junto a empresas, inicialmente, e mais tarde com a colaboração de ex-bolsistas.

A adoção dessa estratégia teve origem no questionamento levantado por alguns colegas professores: *"seria lícita a aplicação de recursos federais no pagamento de auxílio a bolsistas"?* Decidido a não renunciar à idéia por causa dessa dúvida, procurou a ajuda do banqueiro Cristiano França Teixeira Guimarães - um dos patronos na fundação da Faculdade, em 1945 - e graças à sua influência conseguiu o apoio dos Bancos Comércio e Indústria, Minas Gerais e Crédito Real, e da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Foi o suficiente para que a Congregação baixasse resolução, em junho de 1954, que instituía na Faculdade o Sistema de Bolsas de Estudo, consagrando o projeto do Diretor. .

Em 1960, já eram 50 os alunos em tempo integral, 12% dos alunos matriculados na Faculdade *(p.39)*. O desempenho acadêmico e a trajetória profissional dos ex-bolsistas não tardaram a mostrar que a experiência de um ensino de graduação enriquecido era uma experiência vitoriosa. *Castro C.M. (1983)* cita o sucesso dos ex-bolsistas nos exames de acesso à pós-graduação e sobretudo no exame unificado da ANPEC para economia, bem como a forte participação deste grupo entre a jovem geração de PhDs a se graduar no exterior, a partir do início da década de setenta.

Segundo esse autor:

"Estima-se que até 1975 cerca da metade desses doutores é constituída de ex-bolsistas. Toda a área econômica do serviço público de Minas Gerais é invadida pelos ex-bolsistas. Sobretudo no Banco de Desenvolvimento e, mais tarde, na Fundação João Pinheiro e na Secretaria de Planejamento do Estado. Pouco depois, entram na burocracia Federal, inicialmente na SEPLAN/PR, logo a seguir no MEC e, recentemente, no Ministério dos Transportes" (p.14).

Quando Cláudio de Moura Castro foi ocupar o cargo de Diretor-Geral da CAPES, não teve dúvidas em acreditar que esse empreendimento devia ser ampliado, de forma que outras áreas de conhecimento e instituições fossem beneficiadas, já que ele próprio era ex-bolsista e havia se beneficiado do programa. Afinal, esse programa ia ao encontro dos ideais da CAPES e com

pleno direito poderia ser adotado, e eventualmente adaptado, por essa agência.

3. Implantação e Evolução do PET

Como mencionado acima, o forte impulso expansionista do ensino superior, já iniciado nos anos cinqüenta, acabou por injetar no sistema um número excessivo de estudantes em relação à capacidade de absorção, resultando em prejuízo para a qualidade do ensino, inclusive de pós-graduação, pela modesta qualidade dos alunos que ingressavam nos cursos de mestrado.

Em 1979, com o objetivo de melhorar o ensino de graduação e a qualidade dos cursos de pós-graduação, Cláudio de Moura Castro, então Diretor-Geral da CAPES/MEC, implantou o Programa Especial de Treinamento - PET, que visava elevar a qualificação de grupos selecionados de alunos da graduação, mediante um intenso e avançado treinamento.

Era objetivo do programa propiciar aos alunos de graduação as condições que favorecessem sua formação acadêmica tanto para a integração no mercado profissional como para o desenvolvimento de estudos em programas de pós-graduação. As atividades extraclasses que compunham o "treinamento especial" visavam a formação global do aluno, procurando atender mais plenamente as necessidades do próprio curso de graduação e/ou ampliar e aprofundar os objetivos e os conteúdos programáticos da grade curricular.

Era necessário criar mecanismos que possibilitassem o desenvolvimento das potencialidades dos alunos preservando e incentivando focos de excelência acadêmica, num contexto que ia se incomodando cada vez menos com a mediocridade. Tratava-se de constituir, dentro da universidade, pequenos grupos formados por alunos que se destacassem pelo desempenho e neles concentrar esforços de orientação acadêmica, acompanhamento e estímulos financeiros, de modo a permitir dedicação exclusiva e integral aos estudos. O que se visava, era formar profissionais de alto nível para todos os segmentos do mercado de trabalho, com destaque especial para a carreira universitária, tendo em vista o seu efeito multiplicador.

Dessen (1995) analisando o desenvolvimento do PET ao longo de quase duas décadas, identificou quatro fases distintas.

1ª fase - Experimental: 1979 a 1985. Os grupos implantados nesse período foram convidados pela CAPES a participar do PET. O convite, em geral, era feito a algum professor que demonstrasse interesse pelo programa e que tomaria as providências junto à instituição para sua implementação. O PET iniciou-se com 3 grupos (Economia/UnB, Economia/PUC-RJ e Direito/USP) num total de 15 alunos bolsistas. Ao final deste período a CAPES operava 20 programas em 14 instituições, apoiando 201 alunos bolsistas.

2ª fase - Insitucionalização do Programa: 1986 a 1989. O PET institucionalizou-se tanto na própria CAPES como nas IES. O marco de referência foi o documento "Orientações Básicas do Programa - 1987". A expansão dos grupos começou a ser realizada a partir da análise das propostas encaminhadas pelas IES. São estabelecidas normas precisas para o funcionamento do programa e registra-se um amadurecimento no seu gerenciamento. Ao final de 1989, o PET contava com 82 grupos em 33 IES e um total de 519 alunos bolsistas.

3ª fase - Expansão Desordenada: 1990 a 1992. A característica dessa fase foi o grande aumento do número de grupos contrastando com as limitadas condições de infra-estrutura material e humana da CAPES no período para acompanhar o programa. Em 1992, havia 237 grupos implantados de 49 IES, e um total de 1642 alunos bolsistas.

4ª fase - Consolidação do Programa: 1993 a 1994. O PET passou por uma fase de reorganização com o intuito de restabelecer a produtividade e a qualidade do desempenho dos grupos. O crescimento foi contido em função da desativação de grupos que vinham apresentando rendimento insuficiente e pela implantação de novos grupos mediante um processo seletivo mais rigoroso.

Atualmente (agosto 1996), existem 325 grupos e um total de 3.452 alunos bolsistas, distribuídos por área de conhecimento de acordo com o quadro abaixo.

DISTRIBUIÇÃO DE GRUPOS E ALUNOS PET
Por Área de Conhecimento - Agosto 1996

ÁREA	Grupos	Alunos
Ciências Agrárias	37	396
Ciências Exatas e da Terra	60	644
Ciências Biológicas	18	208
Ciências da Saúde	44	456
Ciências Humanas	58	592
Ciências Sociais Aplicadas	44	476
Engenharias	50	536
Letras e Artes	14	144
TOTAL	325	3.452

4. O PET Hoje: Estrutura e Objetivos

Dantas (1995) pondera que a prática de ensino nas instituições de ensino superior no Brasil ainda é predominantemente baseada na memorização de fatos e informações pelos alunos, condicionando-os a uma aprendizagem tecnicista, pouco crítica e de baixo compromisso social em suas áreas profissionais. A implantação do Programa Especial de Treinamento - PET seria uma tentativa de solucionar este problema, sem intervir diretamente na estrutura formal dos cursos. Na caracterização desse autor, o modelo PET configura-se na adoção do modelo tutorial com ênfase na atuação coletiva e interpessoal de aprendizagem. A missão do tutor é estimular a aprendizagem ativa seguindo uma metodologia especial que procura valorizar vivências, reflexões e discussões, num clima de informalidade e cooperação. Corretamente aplicado e sob a responsabilidade de um tutor qualificado, o método PET permite ao aluno o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais para o processo ensino-aprendizagem.

Segundo a Professora Maria Luiza Falcão Silva, ex-tutora do PET/Economia da Universidade de Brasília,

"a idéia básica do programa é investir em alunos da graduação, bem no início de sua formação - 2º e 3º semestres - criando o hábito do estudo sistemático, da pesquisa e da extensão. Este hábito, em geral, nossos alunos não trazem do 2º grau, acostumados que são a uma aprendizagem deficiente e paternalista onde prevalece, como bibliografia nos cursos, um único livro-texto, do qual o professor raramente se afasta em suas aulas e ao qual o aluno se limita nas suas leituras." (Universidade de Brasília/ Decanato de Ensino de Graduação-Decanato de Pesquisa e Pós-graduação, 1992, p.37).

Procurando libertar o aluno das limitações dessa estratégia, o PET permite que ele se dedique em tempo integral à sua própria formação, usando toda a sua criatividade e vivenciando a universidade de uma forma mais global e dinâmica.

Nesse modelo tutorial de aprendizagem, um professor/tutor é responsável por um grupo de, no máximo, 12 (doze) alunos. A participação do aluno no PET não está condicionada a um projeto de pesquisa, mas à permanência do aluno na universidade, pois o objetivo é exatamente dirigir a formação do aluno de graduação, para que se torne um bom profissional ou um bom pesquisador, dependendo de sua vocação.

Os objetivos do Programa PET podem ser assim detalhados:

a) Oferecer uma formação acadêmica de excelente nível, visando a formação de um profissional crítico e atuante, através de:

- facilitação do domínio dos processos e métodos gerais e específicos de investigação, análise e atuação da área de conhecimento acadêmico-profissional;

- envolvimento dos bolsistas em tarefas e atividades que propiciem o "aprender fazendo";

- discussão de temas éticos, sócio-políticos, científicos e culturais relevantes para o País e/ou para o exercício profissional.

b) Promover a integração da formação acadêmica com a futura atividade profissional, especialmente no caso da carreira universitária, através da interação constante:

- entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- dos bolsistas do PET e os corpos docente e discente de programas de pós-graduação *stricto sensu* da própria IES (Instituição de Ensino Superior) e/ou de outras instituições.

c) Estimular a melhoria do ensino de graduação através de:

- desenvolvimento de novas práticas e experiências pedagógicas no âmbito do curso;
- atuação dos bolsistas como agentes multiplicadores, disseminando novas idéias e práticas entre o conjunto dos alunos do curso;
- interação dos bolsistas do programa com os corpos docente e discente da instituição, inclusive em nível de pós-graduação, quando for o caso;
- participação em atividades características de programas de pós-graduação.

5. Qual o Impacto do PET?

O PET espera contribuir, a médio e a longo prazo, para a formação de profissionais dotados de elevados padrões científicos, técnicos e éticos que sejam capazes de uma atuação no sentido da transformação da realidade de ensino e de pesquisa realizados na graduação e também na pós-graduação.

Embora não faltem evidências esparsas sobre o bom desempenho dos grupos PET[1], ainda não foi feita uma avaliação abrangente do programa, em nível nacional. O acompanhamento dos grupos PET vem sendo feito com base nos relatórios de atividades realizadas, e os resultados desses relatórios têm sido utilizados como subsídios para a manutenção dos grupos. A CAPES, recentemente, tem proposto aos Coordenadores de Área dos grupos PET que sejam discutidas e implementadas metodologias de avaliação do programa.

Dantas (1995) expressa um sentimento compartilhado por muitos na academia quando diz:

"é fundamental que se busque objetivar o alcance das ações desenvolvidas pelo programa ao longo do tempo, em particular por meio da realização de estudos avaliativos prospectivos que forneçam evidências válidas da eficácia e utilidade do PET no contexto da formação de profissionais melhor preparados para o desenvolvimento de estudos de pós-graduação stricto sensu e capacitados ao exercício de atos de liderança em suas respectivas áreas profissionais". (p. 20)

Nesse cenário ainda pobre de estudos sistemáticos, merece destaque o trabalho de W. Paulo Filho (1996) que avalia o PET na Região Centro-Oeste. Adotando uma abordagem qualitativa, através da observação participante, de entrevistas e da aplicação de questionários, o autor focaliza alguns programas tentando captar sua dinâmica interna e avaliar seu impacto nos bolsistas e nos alunos de graduação em geral.

Resultados preliminares desse trabalho estão relatados a seguir. Referem-se a três grupos PET selecionados como "casos" de estudo, dentre os 20 grupos existentes na região Centro-Oeste: Economia/UnB, Sociologia/UnB e Pedagogia/UCB. O pesquisador vivenciou o dia-a-dia dos bolsistas nos espaços que os grupos PET ocupam na universidade. A observação em campo, que ocupou doze horas semanais, em média, durante três meses, envolveu o registro da execução de atividades planejadas e não: encontros dos grupos; conversas de corredor, de pausa para o café e nos gabinetes de professores; reuniões administrativas entre o tutor e os bolsistas; enfim, lugares e momentos que permitiriam ao pesquisador um contato mais direto com a realidade do programa. As anotações feitas fornecem interessantes informações (operacionais e comportamentais) que dificilmente estariam disponíveis de outro modo.

1 Ver, por exemplo, as avaliações feitas pelos Grupos PET da UNESP (UNESP, 1994).

Para o autor, os grupos PET desfrutam, na instituição, de espaços que são verdadeiros " lugares de aprendizagem" e de integração com outros alunos da graduação, os "agregados do PET". Como muitos grupos possuem microcomputador, freqüentemente outros alunos que não fazem parte do programa se dirigem ao PET para fazer seus trabalhos acadêmicos. Já os bolsistas do programa passam ali praticamente o dia todo; alunos que têm duas aulas de manhã e duas à tarde, ficam no PET durante o intervalo. Ali estudam, conversam com os demais bolsistas e o tutor sobre as atividades acadêmico-científicas que desenvolvem, almoçam, descansam, jogam.

Chamou a atenção do pesquisador, em primeiro lugar, a diversidade de atividades realizadas pelos grupos e que incluem seminários, conferências, palestras, filmes científicos, cursos extracurriculares, leituras, monografias, participações em pesquisas e em programas de monitorias, atividades de extensão universitária, etc. Em segundo lugar, a forma natural de como estas atividades são desenvolvidas pelo grupo, não constituindo algo mecânico e que se sobrepõe às relações humanas, mas um fator dinamizador e energizador do processo pedagógico de construção do conhecimento.

Em várias oportunidades pôde ouvir depoimentos individuais de bolsistas e tutores a respeito da efetividade do programa em promover práticas que contribuem para desenvolver a capacidade de pensar, de aprender a aprender, de saber avaliar-se e avaliar a realidade. Neste sentido, merece destaque o papel do professor tutor no PET, assumido como orientador da criação do conhecimento pelo aluno. As qualidades intelectuais do tutor, bem como sua afetividade nas relações interpessoais no grupo, o tornam, na visão dos bolsistas, um exemplo a seguir, uma fonte de estímulo e motivação constante.

Não há dúvida de que o PET se constitui numa oportunidade privilegiada para uma formação acadêmica do bolsista. Vários bolsistas reconheceram que sem o PET nunca teriam tido condições de dedicar-se aos estudos com a intensidade com que se dedicaram. Muitos já estão na pós-graduação ou pensam de seguir para esse nível .

Um exercício de auto-avaliação visando detectar o grau de desenvolvimento de habilidades cognitivas após ter integrado o PET, foi feito com 28 bolsistas em diferentes estágios de permanência no programa. Todos julgaram que houve desenvolvimento em todas as habilidades listadas: ler, analisar, compreender, sintetizar, concluir, criticar, criar, refletir, escrever e apresentar. É interessante observar que se agrupados por fase de permanência no programa (inicial, intermediária e final), o grau de desenvolvimento dessas habilidades varia em função do tempo: 50% na fase inicial, 69% na intermediária e 78% na fase final.

A capacidade de "criar" destacou-se dentre todas. Antes do ingresso no PET, 57% dos bolsistas, em diferentes estágios de permanência no programa, julgavam possuir essa habilidade em grau regular, 29% em bom grau, 14% em grau insatisfatório e nenhum bolsista em elevado grau. Após o ingresso no PET, 57% acham possuir a habilidade criativa em bom grau, 21% em elevado grau, 21% em grau regular e nenhum em grau insatisfatório.

Além de analisar a percepção dos bolsistas sobre seu próprio desempenho, foram indagados nove professores sobre a atuação dos alunos PET em sua sala de aula. Seria visível a diferença de comportamento desses alunos, comparados com os demais? A questão foi colocada de forma indireta, sem explicitar de todo o objetivo primeiro da pergunta: poderiam os docentes apontar e indicar nominalmente os alunos que em sua disciplina se destacassem pela participação e desempenho?

Invariavelmente os nove professores entrevistados identificaram nos alunos do PET - e em alguns outros - seus melhores alunos, pelo interesse pela disciplina, pelo nível de participação e de questionamento. Houve consenso em reconhecer que os bolsistas PET em sala de aula exercem um papel de liderança, estimulam o debate, têm mais iniciativa e criatividade. É verdade que alguns professores alertaram também para o risco de se implantar um clima nem sempre saudável de competição.

6. O Futuro do PET

Como vimos, não há evidência quantitativa sistemática suficiente que nos permita dizer de forma clara se o PET tem sido um grande sucesso ou um privilégio a mais dentro de um sistema de ensino eivado de privilégios. O que temos é uma evidência fragmentada, baseada em avaliações eminentemente qualitativas, sugerindo que o PET traz uma mudança qualitativa no aproveitamento dos seus bolsistas e que freqüentemente isto resulta também em impactos positivos para a instituição como um todo.

Os autores do presente ensaio acreditam no potencial do PET e defendem a sua permanência ou mesmo uma expansão controlada do programa. Mas ao mesmo tempo, reconhecem a fragilidade das medidas empíricas do seu desempenho e uma certa falta de clareza nos seus conceitos fundamentais. Assim é que, à guisa de conclusão, oferecem na seção abaixo alguns princípios básicos que devem reger a operação do PET no futuro.

6.1 O Que é Essencial no PET?

O PET tem que significar excelência intelectual. Tem que significar a valorização máxima das atividades acadêmicas e intelectuais. Tem que significar uma formação geral sólida. O PET não é para formar pequenos técnicos ou profissionais corretos mas líderes intelectuais. Se isso não acontecer , é preciso fechar imediatamente os programas, pois não têm razão de existir.

A expectativa de criar lideranças é de sua essência. Não é mais o sonho do Yvon Leite de Magalhães Pinto ou a versão, em escala nacional, do Cláudio de Moura Castro. Não é mais o vôo no escuro mas a certeza de que isto é possível, dada a experiência prévia da UFMG e dos PETs da CAPES.

O segredo do PET é criar um microcosmo onde se reforça a idéia da centralidade e da beleza das atividades intelectuais. Não se pede a bolsistas diluídos em um mundo acadêmico desleixado que sejam diferentes e melhores que os seus colegas. O PET oferece um útero onde se nutrem estes valores. Os bolsistas compartilham estes valores com os seus colegas, colaboram entre si, mas também competem. O clima de apoio mútuo do grupo alimenta permanentemente as motivações para a vida intelectual e permite superar as tentações e preguiças do cotidiano.

Mas as expectativas sobre os bolsistas nada têm de modestas . Recebem o melhor que temos a oferecer. Devem pagar com suor e lágrimas.

Se isto tudo funcionar, haverá um forte efeito multiplicador. Onde há um bom PET, o nível de todos é guindado. Todos se beneficiam. A qualidade do ensino de todos melhora. Mas este é mais o efeito secundário. Algo que quase acontece sozinho quando o PET anda bem.

6.2 PET Não é Amostra Grátis

Nos Estados Unidos com mais de três mil instituições de ensino superior, apenas umas cinqüenta são verdadeiramente universidades de pesquisa, liderando o pensamento científico em quase todas as áreas. O mesmo se passa na França , na Inglaterra e no Japão. O que caracteriza estas instituiçõe, é sua forte liderança intelectual e seu número diminuto.

Infelizmente, o Brasil não tem estas instituições de elite. As poucas que havia foram massificadas. Assim, o PET foi concebido como uma alternativa para criar "uma mini-universidade de elite dentro de uma universidade de massa".

O objetivo do PET não é ser amostra grátis do que seria um bom ensino de graduação, mas sim de criar um número limitado de núcleos da melhor qualidade possível: liderança intelectual não se improvisa, é resultado de um longo período de maturação em ambientes propícios, onde a atividade intelectual e os objetivos de longo prazo são valorizados e nutridos.

Em um país como o Brasil, o número de PETs não é impressionante, correspondendo apenas

a 2 alunos por mil. São uma gota d'água no oceano de uma graduação medíocre. Mas tampouco é pelos números que se avalia o seu peso. Liderança mede-se pelo impacto intelectual dos líderes, não por números. É razoável que, havendo recursos, o PET seja aumentado, mas sempre dentro dos critérios mais exigentes da qualidade. Mas esta pergunta é menos importante do que saber se os PETs de hoje cumprem o seu papel .

Enquanto for possível criar PETs com pelo menos o mesmo nível de qualidade dos de hoje, há razões a *priori* para aumentar o programa. Mas é preciso também perguntar se os de hoje refletem o máximo que é possível fazer no Brasil.

6.3 Os Custos do PET: Privilégios para uns Poucos?

Nosso ensino de graduação grátis, custa entre vinte e cinqüenta vezes mais do que o primeiro grau. Assim sendo, concede aos universitários um privilégio que muitos consideram odioso. Isto é mais grave quando consideramos que o acesso meritocrático do vestibular beneficia aqueles que pelos recursos econômicos de suas famílias puderam escapar à qualidade catastrófica do nosso primeiro e segundo graus públicos. E por cima disto tudo vem um PET, dando bolsas e muitos outros privilégios a uma minoria que não precisava destes recursos, pois a seleção econômica foi feita muito antes.

Certamente, o PET não é uma respostas às iniqüidade dos nossos orçamentos educativos. Visto apenas da perspectiva da eqüidade, é um passo atrás, não haveria como justificá-lo, pois aumenta os privilégios de uns poucos. Por outro lado, apesar de o PET ser assumidamente elitista, a modéstia dos seus recursos globais não chega a ser uma ameaça para a eqüidade do ensino superior público. Hoje o PET gasta menos de 5% do orçamento da CAPES, pesando, portanto, muito pouco nos gastos públicos.

O grande problema da nossa universidade é que apesar dos gigantescos recursos que mobiliza tem uma qualidade medíocre (é dez vezes mais cara que a da Argentina e tem mais ou menos o mesmo custo aluno que a da França). Esta universidade não produz uma qualidade comensurável com os recursos que gasta.

O PET é uma tentativa de criar pequenos centros de excelência dentro deste mundo de mediocridade que é o ensino superior brasileiro. Portanto, suas justificativas não estão do lado da eqüidade mas pelo lado da criação de núcleos subversivos de liderança intelectual.

O PET é um privilégio, mas não é um privilégio herdado ou concedido por favores. Pelo contrário, deve ser o resultado de um grande esforço prévio dos alunos para destacar-se academicamente dos seus colegas. Além disto, deve ser um privilégio concedido a quem está disposto a pagar com um grau de comprometimento muito superior ao que é necessário para formar-se com boas notas. Deveria ser o rito de iniciação para as carreiras que levam ao topo da pirâmide profissional.

Os bolsistas não se devem sentir culpados de estarem dentre os poucos selecionados mas sim devedores de um desempenho excepcional que é a única justificativa de se gastar recursos com eles. Moralmente, eles têm que pagar o privilégio com um esforço adicional.

Mas é claro que o esforço as vezes não é sentido como esforço, pois a dedicação aos assuntos do intelecto tem suas próprias recompensas. Com o tempo vira uma dependência. O sucesso do PET poderia até ser medido pelo aluno que começa sendo pago para estudar e que ao fim estaria até disposto a pagar para fazer o mesmo.

6.4 É Possível um PET sem Bolsa?

A experiência na UFMG indicou que muitos alunos que sobravam no processo de seleção pediam à Faculdade que os deixassem entrar no programa sem bolsa, mas submetidos ao mesmo regime. Estes membros voluntários mesclados com os alunos bolsistas regulares do PET obtinham bons resultados.

Está aí o desafio de criar alguns PETs sem

bolsa. Ou PETs onde só o tutor seria remunerado. Outra alternativa seria criar PETs onde apenas os participantes que tivessem necessidades econômicas prementes ganhariam bolsas. Os outros estariam submetidos ao mesmo regime mas sem os benefícios financeiros.

Não nos esqueçamos, contudo, de que o programa do Prof. Yvon tinha também bolsas de empresas, desde antes do seu lançamento. Não há razões para crer que os empresários mineiros da década de 50 tinham mais visão do que os de 90. Outra hipótese seria o crédito educativo. Não há por que não pensar nesta alternativa, já que a evidência disponível mostra que os ex-alunos do PET são particularmente bem sucedidos. De resto, se não forem, deveríamos acabar com o programa, pois estaria completamente equivocado.

O papel das bolsas foi estabelecer uma disciplina de trabalho inicial a fim de criar um programa diferente e que colocava fortes demandas sobre os alunos . Sem os recursos da bolsa, teria sido difícil fazer andar uma coisa estranha e desconhecida em uma faculdade então bastante medíocre. Mas uma vez andando, ou os alunos e a escola percebem que estamos diante de uma solução simples e fascinante, ou permanecemos chafurdados na mediocridade do nosso mundo universitário.

6.5 Regras Mais Claras e Explícitas para o PET?

Quando foi criado, o PET buscava oferecer flexibilidade para que cada um pudesse fazer sua coisa diferente. Evitou-se criar regras explícitas de como fazer o programa funcionar em cada caso. Havia apenas uma declaração da filosofia do PET que era criar um enclave da mais alta qualidade dentro de uma universidade de massa. Havia uma regra clara de exigir tempo integral. O objetivo era criar lideranças intelectuais em um país que não tinha - e não tem - escolas de elite. No mais, tudo estava aberto.

O desafio hoje é manter o caráter experimental e, ao mesmo tempo, ter regras mínimas que permitam a operação em escala relativamente ampla (comparada com a escala em que funcionava o programa original na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG).

Certamente, muito mais regras serão necessárias hoje. Só se espera que estas regras não venham a tolher a criatividade de cada programa.

6.6 Uma Avaliação Séria é a Melhor Arma para Defender o PET

Sejamos francos, o PET é descartável! Não aumenta o número de alunos no sistema de ensino. Não é como o suprimento de eletricidade no *campus*, onde um corte faz parar tudo. Ninguém depende dele para frequentar a escola ou para viver. Não alimenta os sonhos igualitários dos utopistas de plantão. É delicado, é frágil, gera fricções com o restante da universidade, gera arrogância intelectual por parte dos seus bolsistas. Incomoda professores e alunos incompetentes na aula mas competentes no "lobbies" da mediocridade.

A única coisa boa que o PET pode gerar é excelência no ensino superior. E o país precisa desesperadamente desta excelência.

A única maneira de proteger o PET é avaliar cuidadosamente o seu funcionamento e documentar sistematicamente os seus resultados. Se for possível mostrar de forma clara e explícita que o PET está oferecendo anualmente ao país quase mil graduados de nível francamente superior ao resto dos sistema, temos um argumento forte para defendê-lo. Mas dizer que são melhores não basta. É preciso documentar esta afirmativa com dados bem trabalhados. Como os autores deste trabalho acreditam no PET, deixam aqui uma forte recomendação para que o programa seja rigorosamente avaliado.

ABSTRACT

Brazilian higher education becomes increasingly massified. Under those conditions, one may ask where Brazilian intellectual leaderships will be prepared. One possible solution is to create quality enclaves inside mass institutions, as done by a program of CAPES (the Brazilian Agency for Post-Graduate Education) called PET (Special Training Program). PET selects the best students in existing institutions and keeps them full time in small groups where they work together and are expected to display an academic performance vastly superior to that of their colleagues in the larger institution.

The PET program was inspired by an experiment conducted from the fifties on by the School of Economics of the University of Minas Gerais (UFMG). The essay describes the history of the fellowship program at the UFMG as well as the development of PET. Despite the absence of systematic evaluations, first hand observation of the program seems to suggest that its graduates display levels of performance vastly superior to that of their colleagues which do not participate in the program. There is also the suggestion that the presence of an on-going PET program improves the quality of teaching of the entire institution. The paper concludes discussing the future of PET, as well as some of the most critical issues in its operation.

Referências Bibliográficas

CASTRO, A. Um sopro das brisas dos cinquenta: a CAPES de Anísio Teixeira. *Correio do IBECC,* 1986.

CASTRO, C. M. É possível esconder uma miniuniversidade de elite em um desvão de uma unversidade de massa? In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Ciências Econômicas. *Homenagem ao Professor Yrom Leite de Magalhães Pinto.* Belo Horizonte, 1983.

DANTAS, F. O PET e a formação de lideranças acadêmicas e profissionais. *INFOCAPES,* Brasília, DF, v.3, n. 1-2, p. 18-20, 1995.

DESSEN, M. A. O programa especial de treinamento - PET: evolução e perspectivas futuras. São Paulo, *Didática,* v. 30, p. 27-49, 1995.

KOURGANOFF, V. *A face oculta da universidade.* Tradução Cláudia Schilling, Fátima Murad. São Paulo: Ed. UNESP, 1990. 305 p.

PAULO FILHO, W. *O impacto do PET no Centro-Oeste*: uma avaliação qualitativa. Brasília, D.F., 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília. Dissertação em andamento.

PINTO, Y. L. M. *O movimento estudantil de 1960.* Belo Horizonte: Ed. Santa Maria, 1963.

SILVA, M. L. F. Decanatos de ensino de graduação e pesquisa e pós-graduação. In: SEMINÁRIO DECANATOS DE ENSINO, 1991, Rio de Janeiro. *Anais...* Brasília, D.F., UnB., 1992.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO. Perfil: grupos PET UNESP. In: ENCONTRO, 1, 1994, Ibitinga. *Papers...* São Paulo, [1994].